

Narrativas confessionais sobre a graduação em design: o relato de dois alunos cotistas na ESDI/UERJ

Imaíra Portela (UFMA, Brasil)
imaira_medeiros@hotmail.com

Ricardo Artur P. Carvalho, (ESDI/UERJ, Brasil)
rartur@ESDI.uerj.br

Narrativas confessionais sobre a graduação em design: o relato de dois alunos cotistas na ESDI/UERJ.

Resumo: O presente artigo é recorte de uma tese de doutoramento. Através de narrativas confessionais, dois estudantes cotistas falam sobre seus primeiros anos de graduação em design e os desafios cotidianos enfrentados por eles durante o curso. Esta pesquisa deseja contribuir com o debate sobre como a formação em design não se articula apenas por questões de prática e conteúdo, mas também pelas experiências dos alunos durante a graduação.

Palavras-chave: Narrativas confessionais, racismo cotidiano, design e educação.

Confessional narratives about design degree: the story of two quota students at ESDI/UERJ.

Abstract: *This article is part of a doctoral thesis. Through confessional narratives, two quota students talk about their first years as design students and the challenges they faced during the course. This research aims to contribute to the debate on how design education is articulated not only by questions of practice and content, but also by students' experiences during their studies.*

Keywords: *Confessional narratives, everyday racism, design and education.*

1. Introdução

Este artigo é recorte de uma pesquisa de doutorado realizada no PPDESDI/ UERJ. Objetiva-se expor, através do relato de dois ex-alunos cotistas da ESDI, quais os desafios encarados por eles na sua formação em design. Estes desafios não se configuram apenas em uma visão sobre ensino, conteúdo e prática no curso de design, mas em questões cotidianas que afetam a formação de alunos cotistas e que, no geral, não são consideradas no debate sobre o ensino de design.

Este mesmo ensino chegou ao Brasil na década de 1960, de maneira institucionalizada, reproduzindo o modelo pedagógico da *HfG* de Ulm, na Alemanha. A criação da Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI) foi ancorada em um cenário de forte desenvolvimento industrial no país que, segundo Souza Leite (2006), exigia uma nova concatenação de conteúdos e nova prática pedagógica. Contudo, ainda que buscasse atender a essas novas demandas, a replicação desse modelo de ensino se deu “de costas para o Brasil” (SOUZA LEITE, 2006).

A ESDI surge em um contexto de grande desigualdade social, no qual o acesso aos produtos industriais e à universidade era um privilégio de uma elite (SACRAMENTO, 2005). Este mesmo perfil elitista do corpo discente de design da ESDI, que vinculou-se à UERJ em 1975, passa a ser confrontado quando a universidade adota pioneiramente, em 2003, a política de cotas para o ingresso no vestibular. Ainda que o acesso tenha se ampliado com a reserva de vagas, as bases curriculares, conteúdos e práticas em sala de aula não tem demonstrado acompanhar de maneira ampla as demandas de uma sala de aula diversa.

Com a intenção de expandir a discussão, primeiramente, apresenta-se a discussão teórica acerca do tema trabalhado. Em seguida, expõem-se as abordagens e o percurso metodológico realizado para analisar os relatos e narrativas apresentados pelos interlocutores. Por fim, revelam-se os resultados, no processo de articular os dados apresentados pelos interlocutores e a articulação teórica que dialoga com estas narrativas.

2. Abordagens metodológicas

Esta é uma pesquisa de natureza qualitativa (GIL, 1999) e de objetivos exploratórios (GIL, 1999; LAKATOS, MARCONI, 2001). Para abordagem metodológica ela se desenvolveu em duas etapas: 1. Obtenção de dados de natureza qualitativa; 2. Sistematização e análise dos dados coletados.

Para a obtenção dos dados, Kilomba (2019) aponta o caminho para uma pesquisa realizada por meio de entrevistas não diretivas baseadas em narrativas biográficas. Para a autora, a perspectiva biográfica é fundamental ao

trabalhar com o fenômeno do racismo, pois este “não é um acontecimento momentâneo ou pontual, é uma experiência contínua que atravessa a biografia do indivíduo, uma experiência que envolve uma memória histórica de opressão racial, escravização e colonização”. (KILOMBA, 2019, p.85)

A autora cita Philomena Essed, teórica que aborda a experiência do racismo cotidiano para os negros, no entendimento de que a entrevista não diretiva permite que os entrevistados sejam incentivados a falar livremente sobre determinado assunto, podendo fazer associações diretas entre suas experiências com o racismo e outras questões que acreditem ser relevantes para falar destas experiências. (ESSED, 1991 *apud* KILOMBA, 2019).

Como processo de sistematização e análise qualitativo dos processos de experimentos sociais, propõe-se um processo de triangulação, que está pautado na articulação de três aspectos para proceder à análise: 1) informações concretas levantadas com a pesquisa, dados empíricos, narrativas dos entrevistados; 2) diálogo com os autores que estudam a temática em questão; 3) análise de conjuntura, entendendo conjuntura como o contexto mais amplo e mais abstrato da realidade (MINAYO, 2010). Para isto foram realizadas análises cruzadas das percepções dx pesquisadorx, da teoria acionada no referencial teórico da pesquisa, e das múltiplas entradas de dados como: registros de audiovisuais diversos, transcrição de áudios, falas e descrições de caderno de campo.

3. Hegemonia e neutralidade

O processo diaspórico, de violência, opressão e dominação colonial pelo qual passaram os escravizados fez com que a unidade de identificação entre eles fosse, em primeira instância, a experiência da captura, do cativo e da cor da pele. hooks destaca que estes homens e mulheres, desterritorializados, precisariam aprender a língua do opressor para a comunicação, para a organização política e, até mesmo, para subvertê-la, tornando-a capaz de falar o que desejavam dizer, refazê-la para que ela falasse além das fronteiras da conquista e da dominação (HOOKS, 2017). Era preciso aprendê-la. E mais, era preciso transformá-la, adornar-se dela.

No entendimento de que o racismo é estruturante nos continentes Americanos, a manutenção deste sistema de dominação se reproduz nas instituições e perpetua a ideia de uma hierarquia racial e cultural que tem como topo a superioridade branca ocidental (GONZALES, 2020). Este poder é sustentado pelos grupos que dominam a organização política e econômica da sociedade e a manutenção deste poder só se estabelece pela capacidade destes grupos sociais de institucionalizarem seus interesses, tornando natural

e normal o seu domínio através de regras, padrões de conduta e modos de racionalidade (ALMEIDA, 2018).

Neste sentido, o conhecimento acadêmico tem sido um espaço em que a objetividade científica, o saber e referências visuais têm sido diretamente ligadas ao poder e à autoridade racial, que academia não é um lugar neutro, é um lugar onde o privilégio de fala tem sido negado para pessoas negras (KILOMBA, 2019), para pessoas com deficiência, indígenas e LGBTQIAP+, mulheres e pessoas que ocupam territórios periféricos.

Ademais, como afirmam também Gonzales (2020) e Almeida (2018), as estruturas de validação do que é o conhecimento e a verdade são controladas por pessoas brancas. Portanto, a produção de conhecimento está atrelada a relações desiguais de poder de raça. Neste sentido, a academia é um espaço de violência (KILOMBA, 2019), um espaço de dominação colonial.

Por isto é preciso encarar com seriedade as diferenças na formação acadêmica de pessoas negras cotistas, que também atravessam opressões de classe, território, entre outras, reconhecendo que a experiência no curso em design “é [muito] mais que a soma de suas disciplinas”. (PORTELA, *et al*, 2022).

4. Narrativas profissionais: os relatos de Gabriel e Pedro

Conheci em 2015, e uma atividade de projeto acadêmico Gabriel Diogo e Pedro Angelo. Seus nomes foram expostos com autorização e principalmente, por escolha deles. Ambos foram alunos negros, cotistas, que ingressaram no curso de design na ESDI, no ano de 2014. Nesta ocasião, meu contato com eles me incitou alguns questionamentos que deram o pontapé inicial de um projeto de doutoramento: Quais as diferenças encontradas por esses alunos durante o seu percurso na graduação? Como suas experiências e produções eram afetadas por essas diferenças? O que implica fazer design nesse cenário?

Anos depois, já no doutorado, minhas primeiras conversas diretas sobre o tema desta pesquisa com Gabriel e Pedro aconteceram em meados de abril de 2019, quando eles já estavam em fase de conclusão do curso, finalizando seus trabalhos de TCC e estagiando.

Com dificuldade para coordenar as agendas de estudos e trabalho deles, nos encontramos por volta das 11h do dia primeiro de maio de 2019, na praia do Leme, por conta do feriado. Este foi o local escolhido porque eles desejavam seguir com um momento de lazer pós-entrevista. Esta não foi uma atividade de pesquisa com uma entrevista estruturada e seguimos de maneira mais livre. Partiu deles, muito mais que de mim, o direcionamento e o encaminhamento dos assuntos abordados, assim como aponta Essed (1991).

4.1 O deslumbramento no ingresso ao curso e primeiros desafios atravessados

A conversa foi iniciada com a lembrança de que uma colega de grupo de projeto de graduação, o mesmo projeto que eu havia composto anos antes, morava em um prédio na Avenida Atlântica. O prédio na Orla representa um *status* social muito distante da realidade de ambos. Esta e outras distâncias, materiais e metafóricas, permeiam todo o nosso diálogo.

Nesse confronto iniciado sobre as percepções das diferenças — eles e os outros, cotistas e não cotistas, moradores da periferia e moradores de uma avenida na orla de um bairro nobre na Zona Sul do Rio de Janeiro — Gabriel e Pedro relatam as dificuldades de tempo, dinheiro e distâncias territoriais enfrentadas por eles e os colegas cotistas.

Tinha um menino na nossa turma: Caio. A gente fez um projeto lá no Museu do Mar, aquele projeto (se referindo ao projeto que participei). E aí eu encontrei com ele no ponto do 397 que é lá na Candelária, para Campo Grande. Passa por Bangu e vai pra Campo Grande. Aí a gente pegou esse ônibus juntos. Só de lá até Campo Grande, é tipo uma hora, uma hora e meia. E aí depois ele pegava outro ônibus. A gente pegou outro ônibus junto que eu ia pra casa e ele ia pra casa dele. Só que eu descia, tipo dez minutos depois, e ele pegava mais uma hora. Ele pegava o ônibus lá que era mais uma hora pra Sepetiba, tipo duas horas e meia de viagem, isso em um dia que tá sem trânsito, sabe? Que tá bom. Ele ia pra faculdade de trem, aí era uma grana que ele gastava, ainda tinha essa questão. Pegava o trem em Santa Cruz socado de gente seis horas da manhã, cinco horas da manhã, pra chegar aqui às oito, na Lapa, gastava a maior grana e a galera reclamando de pegar o metrô de meia hora (...) Aí tu fica sem beber água e sem comer esse tempo todo, sabe? (Gabriel Diogo).

A bolsa permanência já era um ponto a ser abordado por mim. Contudo, antes que eu encaminhasse esta pauta, ela foi levantada pelos alunos de maneira livre. Além dos gastos com transporte e alimentação, o curso de design também exige do estudante um gasto com material. Gabriel e Pedro reafirmam que com ausência de bolsa, não teriam conseguido finalizar a graduação. Eles também falam sobre os entraves na manutenção do auxílio e me informam que muitos alunos perdem a bolsa ao longo da graduação.

A bolsa é uma coisa que salva a vida do cotista. Não sei nem explicar. Cara, se não fosse bolsa, eu não tava nem terminando a faculdade. (Gabriel Diogo).

No início, eu não tinha nada, nenhuma renda. Era só a bolsa. Agora eu trabalho. (Pedro Angelo).

Ele [o colega Caio] é uma das pessoas que se não tem bolsa, não conseguem ir. Porque ele depende dessa grana pra sempre. Porque o bilhete único não passa no trem, só passa no ônibus e a pessoa é obrigada a pegar ônibus. (Pedro Angelo faz referência ao colega Caio, morador de Sepetiba).

Tem, várias pessoas começaram a estagiar e perderam a bolsa. E não tem como voltar a bolsa de novo, se você perde a primeira vez, sabia? Começou a estagiar, perdeu, não pode voltar. (Pedro Angelo).

Neste caminho, a localização da ESDI, no bairro da Lapa, também apresenta outras dificuldades para os estudantes. Por estar deslocado do campus principal da UERJ, o curso de design não conta com estrutura de restaurante universitário. Muitos alunos, entre cotistas e não cotistas, se organizam para trazer sua alimentação diária de casa, visto que os restaurantes e lanchonetes do entorno são caros comparados aos valores da bolsa.

As dificuldades conjugadas entre o tempo gasto com o transporte, o dinheiro gasto com passagens, a falta de dinheiro para alimentação, em oposição à realidade dos colegas não cotistas e moradores da Zona Sul, que reclamam sobre falta de dinheiro, retornam em várias falas:

E ainda assim, o que me irrita mais é que eles [os estudantes não cotistas] ficam reclamando que não tem dinheiro. (Pedro Angelo).

É. “Tô pobre”. (Gabriel Diogo).

Não suporto ouvir isso. Você não sabe o que é passar perrengue, cala a boca. Você recebe mesada, sei lá. (Pedro Angelo).

“Eu tô pobre, cara”. E eu com 80 centavos, cheio de fome pra voltar pra casa, não tinha dinheiro pra comprar. (Gabriel Diogo).

Apesar das diferenças socioeconômicas observadas pelos próprios estudantes na fala dos colegas, Gabriel pontua que o contato entre alunos cotistas e não cotistas gera uma oportunidade para que estes grupos distintos conheçam outras realidades. Para ele, de algum modo, este contato heterogeneiza a experiência de alunos brancos e de classe alta que dividem com eles o percurso da graduação.

Em seguida, Pedro aponta para os sentimentos de menosprezo e julgamento gerados por este contato. Ao longo da conversa, em diversos momentos, ressurgem questões sobre esta sensação de deslocamento.

Mas o que eu falei que eu acho que é rico, isso. Gera uma certa consciência em pessoas que não têm contato com essa realidade. E de certa forma bota a gente em contato com outras coisas também. Que muitas vezes é ruim, né? Tipo, é muito difícil. (Gabriel Diogo).

Pois é. Mas muitas pessoas se sentem menosprezadas, julgadas. Os costistas principalmente. (Pedro Angelo).

A fala de Pedro é ratificada em outro relato de Gabriel. No início da conversa, Gabriel conta como o contato com outras realidades se concretizou na experiência dele. Há uma semelhança na experiência de Gabriel e Pedro. O modo como eles me contaram isto me fez acreditar que o primeiro ano da ESDI, foi um ano de deslumbramento. A conquista de uma vaga em uma universidade pública, o entendimento de que o curso de design da ESDI era uma referência para o país, o contato com pessoas de origens sociais, econômicas e territoriais diferentes, tudo isto fez com que eles acreditassem que estavam conquistando um novo espaço. Contudo, eles contam que já no segundo ano, a sensação de pertencimento foi substituída por uma sensação de exclusão.

O lembrete sobre os lugares onde mal podem entrar, dos lugares onde é difícil chegar, onde não podem ficar, “evoca dor, decepção e raiva”. Kilomba reafirma que tal realidade deve ser falada e teorizada, “deve ter um lugar dentro do discurso, porque não estamos lidando aqui com ‘informação privada’”. Esses não são relatos pessoais ou reclamações íntimas, são “relatos de racismo” e explicitam o desajuste com que a academia lida com sujeitos marginalizados, suas experiências, discursos e teorizações. (KILOMBA, 2019, p.58)

A abertura que havia sido dada para que eles participassem de uma vida social na Zona Sul foi impedida por uma limitação declarada de acesso físico. Assim como para estar na Universidade, para transitar socialmente entre os colegas, eles teriam que atravessar a cidade novamente.

Eu lembro que no começo, relato meu, assim, eu entrei na ESDI. Completamente outra realidade da minha vida, sabe? Eu sempre morei em Campo Grande, estudava em Campo Grande a minha vida toda. Vim para cá e podia ser quem eu queria. Era uma outra coisa, era tudo novo. E aí nessa eu coleí muito com a galera da Zona Sul. No começo assim. Não sei, fiquei amigo deles. Cara, mas aí parece que foram rolando algumas coisas assim. Não sei se foi proposital, mas tipo que, me excluía assim, sabe? E meio que deixavam claro que: “ah, se você não pode ir, não vai”, sabe? Marcavam os rolês só aqui, Botafogo, Laranjeiras, eu tinha que pegar de Campo Grande pra cá. E falei: “É, gente, acho que a galera tá me excluindo”. Não sei se eles têm consciência disso também. (Gabriel Diogo).

Em consonância com as percepções de Gabriel e Pedro, bell hooks aponta que “para evitar a sensação de isolamento, os alunos de classe trabalhadora podiam assimilar-se ao grupo principal” (HOOKS, 2017, p.241). Na tentativa de pertencer, identificar-se com o grupo a quem o lugar da Universidade

está garantido, Gabriel relata aproximar-se dos colegas da Zona Sul. Para entender-se parte integrante do corpo discente, era preciso estar com eles também fora do ambiente acadêmico. O que não se sustentou por muito tempo, dadas as resistências estabelecidas pelo grupo dominante. Como observam Pedro e Gabriel,

O que é bom e é ruim, né, porque eles se excluem do resto da faculdade. (Gabriel Diogo).

Também não sei se eles fazem questão de estar com as outras pessoas. De repente nem fazem. (Pedro Angelo).

Essa experiência de você ter contato com a galera daqui, **os brancos privilegiados que são pré-determinados a estudar na ESDI**, com a galera que mora na Maré, que mora na Rocinha e que passa por dificuldades... Eu que moro em Campo Grande, Sepetiba, cara. (Gabriel Diogo).

Não sei se pra eles é natural porque em todas as turmas que entram tem esse grupo naturalmente. Parece que são o mesmo grupo. E aí o grupo do quinto ano se juntou com o do quarto, do terceiro e do segundo e eles tem só um grupo da Zona Sul, de ricos, e só saem entre eles. É muito bizarro. (Gabriel Diogo).

Em uma análise muito aproximada com as de Gabriel e Pedro, Kilomba pontua que “corpos negros são construídos como corpos impróprios, como corpos que estão ‘fora do lugar’ e, por esta razão, corpos que não podem pertencer” (KILOMBA, 2019, p.56). O lugar de poder e pertencimento da branquitude, no entanto, já está estabelecido. São corpos vistos como próprios, “estão ‘no lugar’, ‘em casa’, corpos que sempre pertencem” (idem). Neste trânsito, a exclusão da presença de Gabriel na sociabilidade com os colegas brancos, da zona sul e de outra classe social, o relembra de que ele deve retornar ao “seu lugar”. Que a conquista de um espaço pertencente à branquitude não é o que ele imaginava ser: “É, gente, acho que a galera tá me excluindo”.

Gabriel, em suas falas seguintes observa que, para o grupo de estudantes não cotistas, o lugar de pertencimento já está garantido, uma vez que o esperado é que alunos que tenham uma trajetória de ensino em escolas particulares, que tenham pais com curso superior e que tenham condições materiais para concorrer a vagas nas Universidades públicas as ocupem. Mais uma vez, nota-se o sentimento de exclusão ou inadequação dos alunos cotistas. Se, como nas falas de Gabriel, os estudantes brancos são “pré-determinados a estudar na ESDI”, ou é natural que eles se agrupem independente de turmas e, ainda, que eles “se excluem do resto da faculdade”, ou, como afirma Pedro, “talvez eles não façam nem questão de estar com as outras pessoas”,

a dinâmica das relações entre estudantes cotistas e não cotistas parece continuar reproduzindo um caráter separação entre os dois grupos, nós e eles.

Kilomba afirma que a conjuntura em que “pessoas negras são colocadas em posição solitária é uma configuração resultante da segregação e, portanto, uma expressão de racismo, o isolamento de negros e negras é uma estratégia para reassegurar a supremacia branca” (KILOMBA, 2019, p.170).

No diálogo entre Pedro e Gabriel, quando me informavam sobre suas experiências, Gabriel pontua que a presença dos estudantes não cotistas é valorizada, enquanto os próprios não parecem valorizar a oportunidade de estar ali. Para Gabriel e Pedro isso se deve ao fato de a ESDI não significar algo relevante para a formação acadêmica destes colegas, visto que eles têm acesso a um ensino básico, fundamental e médio considerado de maior qualidade, além da possibilidade de sair do Brasil com objetivo de estudo ou lazer.

Mas é estranho porque esse grupo de certa forma é sempre valorizado. Tipo, no social assim. É muito estranho, tá todo mundo na ESDI, vivendo, fazendo várias coisas, mas a gente sempre tem um ressentimento dessa galera, assim, sabe? Que tá vivendo a vida deles longe da nossa (Pedro confirma: “é estranho”). É muito estranho, porque cara, vocês tinham que tá aqui, né? (falando dos não cotistas, ricos, brancos, fala minha). É como se eles de certa forma menosprezassem ainda o rolê de estar na ESDI. (Gabriel Diogo).

Porque se eles quiserem fazer um curso fora eles vão fazer, entendeu? A ESDI não é uma oportunidade “Passei pra ESDI, tenho que ficar aqui porque é a ESDI”. Não, eles podem fazer um negócio ali na Dinamarca, se eles quiserem. Podem fazer um intercâmbio. Não sei se eles dão o mesmo valor. (Pedro Angelo).

Passar as férias na Europa. (Gabriel Diogo).

Os alunos também observam que a partir da sua entrada na ESDI, a possibilidade de conhecer pessoas de origens distintas das deles é fortalecida. O conflito gerado pela diferença dos territórios ocupados em uma mesma sala de aula é evidenciado. Ao passo que alunos cotistas entram em contato com uma realidade social que eles mesmo julgavam não poder conhecer em outro ambiente que não a ESDI, alunos não cotistas também convivem com a diferença apresentada por alunos cotistas.

Na mesma turma, tem uma menina que mora aqui de frente pra praia do Leme, e aí tem eu que moro em Campo Grande. Tem um menino de Sepetiba, tem o outro da Maré que vai com a camisa furada, sabe, porque não tem dinheiro pra comprar roupa (Gabriel Diogo).

Pessoas que você nunca veria, nunca falaria se não fosse na ESDI. Impossível você conhecer uma pessoa que mora aqui na porta. Acho que eu não conheceria se não fosse na ESDI. (estávamos na praia do Leme) (Pedro Angelo).

Não. E nunca ia, sei lá, mudar um pouco da visão de mundo, né? Se não tivessem contato isso. Porque, parece que tá sempre tendendo a se concentrar nesse núcleo aqui, que é privilegiado, enfim. Tem tudo. Que não falta nada, tá tudo perto. (Gabriel Diogo).

Sobre salas de aula multiculturais, bell hooks analisa a partir do depoimento de alunos brancos, que estes aprendem a pensar mais criticamente sobre questões de raça e racismo. Esta não é uma questão dada, como se apenas a presença de alunos de realidades diversas fosse suficiente para ativar o pensamento crítico. A presença importa, mas é necessária a discussão. É necessário que o diálogo tenha espaço dentro e fora da sala de aula, para então praticar-se o questionamento das ideias e o questionamento dos hábitos de ser.

4.2 Motivações para entrar no curso

Em um corte mais direcionado no andamento da conversa, perguntei sobre os interesses e expectativas sobre a entrada na Universidade. O curso de design, em um imaginário comum à própria classe, é sempre descrito como um curso em que grande parte dos estudantes ingressa sem ter um vasto conhecimento sobre o campo de atuação. Instigada por essa questão, quis saber o que constava no imaginário de Gabriel e Pedro antes de entrarem na graduação e quais foram as suas motivações para cursar design.

Também, graduada no nordeste, na Universidade Federal do Maranhão, logo no primeiro ano de curso, ouvia falar da ESDI como pioneira no ensino de design no país. Aquele me parecia um lugar de poder no que diz respeito à formalização do campo de saber do design nacional. Quis entender em que nível isso afetou a escolha de Gabriel e Pedro por ingressarem na ESDI.

Eu não sabia muito não. Eu tava no vestibular, eu queria fazer pra arquitetura. Acabei que não passei, mas aí eu fui pra design, passei pra design. Me encontrei, assim, foi ótimo. Mas eu não sabia muita coisa da ESDI não. Eu pesquisei, quando eu fui fazer vestibular. Daí eu fui procurar saber, porque, sei lá, eu acho que eu não sabia nada. Eu descobri que a ESDI era onde é no dia que um veterano me mandou no facebook. Me mandou o endereço, porque eu não sabia. (Gabriel Diogo)

Eu nem sabia da existência. Achei que ia estudar no Maracanã, na verdade. Eu não tinha nem noção que eu tinha passado pra faculdade referência, não fazia a mínima ideia. (Pedro Angelo)

O desconhecimento sobre a ESDI e sua importância histórica, antes de acessá-la, apareceu no depoimento de ambos. A fala sobre a faculdade de referência, a dúvida sobre as competências do curso e da carreira também aparecem. Pedro enfatiza sobre as dúvidas na nomenclatura do curso e sobre a confusão que isso gera no entendimento da profissão. E, mais uma vez, conta da surpresa de não fazer ideia de “pra onde tinha passado”.

Quando eu ouvia desenho industrial eu não fazia ideia que era design também. Pra mim era outra coisa, desenho industrial e design era outra. (Pedro Angelo)

Quando comecei a fazer pré vestibular eu comecei a pesquisar os cursos. Porque na verdade eu não queria fazer nem arquitetura. Eu queria fazer ilustração, animação. Mas nem existe curso aqui. Aí eu falei, vou ver alguma coisa parecida e aí encontrei desenho industrial. Eu li sobre, etc, e vi que tinha na Uerj. Que nem era ESDI que tava escrito também. E falei, bom, vou fazer a Uerj, Desenho Industrial, e fui. Passei. Mas não fazia ideia pra onde eu tinha passado. Não sabia. (Pedro Angelo)

Gabriel conta como a pesquisa sobre a estrutura curricular do curso o afetou e o deixa entusiasmado. No entendimento sobre as descobertas do curso, noto mais uma vez, em ambos, o sentimento de profunda animação. Falam de como os primeiros contatos foram satisfatórios.

Eu lembro que olhei o currículo também, no site. E eu fiquei impressionado. Ah, tem aula de fotografia, deve ser muito foda. (Pedro interrompe: essa empolgação do início foi muito forte!) Aula de oficina: deve ser muito maneiro! Aí eu falei: é muito maneiro, eu vou! E realmente, foi muito maneiro. (Gabriel Diogo)

Enquanto me falam do entusiasmo e das descobertas no ingresso no curso de design, nos primeiros semestres, nas disciplinas cumpridas até o momento e na interação com realidades diferentes, há uma quebra no nosso diálogo. O último tópico termina com a fala de Gabriel: “Aí eu falei: é muito maneiro, eu vou! E realmente, foi muito maneiro!”. Na sequência, Pedro interrompe: “Até o ano da fossa”. Pedro fica reticente. Então, eu interrompo: “que ano foi esse?”.

4.3 O ano da fossa, o choque de realidade e os relatos de racismo cotidiano

Os dois me respondem que este foi o segundo ano de curso. Concluo que aquele foi o ano em que nos conhecemos, o ano em que compusemos a mesma equipe de projeto.

Foi, nossa senhora! (Pedro Angelo)

Foi, foi um ano muito pesado. Foi um ano que parece que bateu o choque de realidade, de fato. Pelo menos pra mim. Que vivi o primeiro ano... Eu trabalhava antes, né? Então eu guardei uma grana, aí eu tinha uma grana guardada que eu usei no primeiro ano. Depois acabou o dinheiro, eu conheci as pessoas...Foi um ano que bateu a realidade mesmo, tipo: **“olha só, se põe no seu lugar! Você não é isso que você tá querendo ser!”** (Gabriel fala meio reticente, enfático, mas também duvidante, fala minha). **Sabe? Você é o garoto pobre, preto, que tá vindo lá da Zona Oeste. Fica aí no teu canto, não tenta ser nada não. Porque não adianta.** (Gabriel Diogo)

bell hooks também revela que o seu primeiro ano de graduação em Stanford a fez sentir “pela primeira vez como as origens geográficas podiam separar cidadãos de uma mesma nação. [Ela afirma] “Eu não me sentia pertencente à Universidade; sempre me achava uma intrusa indesejada”. (HOOKS, 2022, p.37)

O sentimento de inadequação evidenciado por Gabriel Diogo é seguido de um dos momentos mais delicados da nossa conversa, o relato de racismo feito sofrido por ele. O que vem em sua fala nos faz refletir sobre diversas questões. Os caminhos percorridos por Gabriel e Pedro até a Universidade não são apenas metafóricos. Eles são materiais. Eles se refletem no fluxo de seus corpos pela cidade. E pelo trânsito desses corpos em territórios onde eles não são vistos como pertencentes. Kilomba argumenta que “a cidade pode ser compreendida em termos raciais, e ‘raça’ pode ser usada como uma compreensão geográfica ou até mesmo como um marco territorial” (KILOMBA, 2019). Onde cada grupo tem “seu próprio lugar”. É neste sentido que Gabriel nos conta, como ele mesmo fala, sobre os seus primeiros casos de racismo explícito. No caminho de ida à escola, no caminho de volta para casa, em um mesmo dia de verão e calor no centro do Rio de Janeiro.

Aí eu lembro que foi o ano também que eu passei meus **primeiros casos explícitos de racismo**. Porque até então pra mim, era uma coisa que era, sei lá, cara, não que era natural, mas era uma coisa que eu não percebia. Não era uma coisa agressiva, a ponto de eu ficar assustado, sabe? O que aconteceu: não tem nada a ver com a ESDI, só minha vivência mesmo de ir nesse trajeto. Eu tava indo pra Lapa, tipo assim, segunda-feira, janeiro, calor. Eu tava de chinelo, óbvio, chinelo e bermuda, porque, né? Calor. Eu vim andando da central do Brasil até a ESDI, até a Lapa, tipo, são um ou dois km, é coisa pra caramba no calor. Não tinha dinheiro pra pegar ônibus, eu tinha que pegar o trem e ir andando. Aí, foi isso. Aí, quando chegou na Lapa, eu obviamente tava suado, tava cansado. Tinha

um casal tirando foto lá nos arcos, aí o cara falou assim pra garota: “Aí, guarda o celular”, quando eu passei do lado. Aí eu fiquei: guarda o celular por que, né? Quê que tá acontecendo? Aí eu fiquei assustado, porque, né? Guarda o celular, eu tô passando... Vou guardar o meu também, porque alguém deve tá assaltando, sei lá. Só que não, o assaltante era eu, tá ligado? (Gabriel Diogo)

E aí, nesse mesmo dia, eu tava voltando pra Central andando, e aí tinha uma galera indo embora do trabalho, três pessoas andando, e aí eu comecei a andar junto deles, perto deles. Aí a pessoa que tava no meio abriu os braços assim pra parar as outras, tipo: para aí, espera um pouco. Aí eu passei, aí eles voltaram a andar. Aí eu olhei pra trás, abri os braços e falei assim: cara, você tá de sacanagem, né? Só pode. Não é possível (Gabriel fala descrente e ri). E aí, no mesmo dia, na sequência (Gabriel Diogo)

Eu interrompo: as três coisas foram no mesmo dia?

No mesmo dia, cara. Eu tava entrando na Central, comprei meu bilhete. Aí passou um cara na minha frente, pulou a roleta, na hora que eu fui botar meu cartãozinho pra entrar, o segurança me barrou. Tipo: ôôô, você não vai pular não. Mas eu tô com a minha passagem aqui, ó. Isso no mesmo dia, gente. Eu cheguei em casa com uma energia muito bizarra de ruim. Gente, como é que pode, isso no mesmo dia. E aí foi nessa época que eu decidi deixar meu cabelo crescer, comecei a me arrumar mais pra sair, porque, não podia ficar dando mole de, sabe, andar de cabelo curto, com bermuda e chinelo na Lapa. Porque é isso, as pessoas iam achar que eu era um delinquente, e que tava tipo, assaltando. (Gabriel Diogo)

Isso é bizarro, você se arrumar pensando no que podem pensar de você. Eu também sempre faço isso. Não sei se vou de regata e chinelo, porque vai que não sei quê. Sempre penso. Não me arrumo, não é pra mim, é pra pessoa da rua. Talvez a pessoa da rua vai achar que eu vou assaltar ela. Olha que bizarro pensar isso. Ai, que raiva. (Pedro Angelo)

Apesar de explicitar que aquele relato não tem nada a ver com a ESDI, as subjetividades de Gabriel em seu período de formação em design foram atravessadas por essa experiência. Não é possível descolá-la de sua vida acadêmica. Passar mais de uma hora no trem, caminhar cerca de dois quilômetros no calor, ser confundido com um ladrão, para só então chegar à aula. Ser cobrado por uma resposta semelhante à dos colegas não cotistas, enquanto discente. Preocupar-se com a roupa que usa, não apenas por uma questão estética, mas para não sofrer violência no trajeto para a aula. Preocupação também relatada por Pedro.

Ron Sacapp, filósofo americano, em um diálogo traçado com bell hooks anuncia que quando levamos o corpo discente a sério, quando o respeitamos, somos obrigados a reconhecer que nos dirigimos a pessoas historicizadas. E

que algumas dessas histórias, se reconhecidas, desafiavam e ameaçavam os modos estabelecidos do saber. Scapp pontua que isto vale especialmente para professores que se encontram com indivíduos de origens diferentes das suas, de bairros diferentes dos seus. “Muitos querem agir como se a raça não importasse, como se estivéssemos aqui pelo puro interesse mental, como se a história não importasse mesmo que você tenha sido prejudicado” (HOOKS, 2017, p. 186-187).

Se já discorremos antes sobre a neutralidade científica forjada no meio acadêmico, não há como apagar com ou reagir de forma neutra ao que nos contam Gabriel e Pedro. Os enfrentamentos e disputas em jogo passam bem longe das questões vividas pelos colegas que não dividem a mesma cor e classe.

Depois do doloroso relato de Gabriel, conduzi a conversa em outro caminho. Questiono ambos sobre suas percepções acerca das opressões que os afetam. Se a Universidade aflorou estas questões. Pedro me responde que “em questão de ser negro, talvez tenha ensinado mais do que aprendido na ESDI.”

Cara, acho que na real, na faculdade me despertou mais ser gay, do que negro. Porque ser negro, a minha família, eu tive o privilégio de ter uma família que sempre falou sobre isso, então sempre fui bem resolvido comigo mesmo e sempre fui de boa com essa questão. Mas ser gay, me assumi na faculdade, esse ano, no segundo ano. Foi bizarro por causa disso, porque foi quando eu me assumi pros meus pais, etc. **Mas em questão de ser negro, não sei, talvez eu tenha ensinado mais do que aprendido na ESDI.** (Pedro Angelo)

Gabriel e Pedro contam que entre os anos de 2015 e 2016 eles passaram a se reunir com outros alunos e alunas negros. Formaram um grupo que andava junto na ESDI e que também fora dela. Esta talvez tenha sido uma estratégia para sentirem que pertenciam a uma comunidade naquele espaço. Pontuo neste momento da conversa que eu os via juntos, que também via as postagens do grupo em redes sociais. Então, eles relatam as reações dos outros em relação ao grupo.

Cara, eu lembro que 2015, 2016, foram anos que a gente se juntou muito, com uma outra galera que era preta. Que elas já entraram em 2015, né? Foi um ano que tava muito também aquele movimento tombamento, a gente fez um grupo de negros lá da faculdade, a gente virou amigo, a gente saía junto e era estranho porque a galera olhava pra gente: Olha eles, como eles são lindos! Modelos, todos lindos, diferentes! (Gabriel Diogo) Exóticos! [comentou com sarcasmo] (Pedro Angelo)

Enfatizam que os colegas brancos destinavam elogios a eles, mas de alguma forma sentem que este não era o elogio que destinariam a colegas também brancos. Ao grupo de negros, os elogios marcavam a diferença: “modelos, todos lindos, diferentes! Exóticos!”. Em sequência, falam da sensação de que estes elogios eram forçados, que aconteciam por algum tipo de compensação, ou por pena. Isto aparece na expressão “dar biscoito”, uma forma de dizer que alguém está em busca de elogio ou reconhecimento.

E a gente fazia questão mesmo, sabe? De tirar foto, de postar e falar. Porque não sei, cara, é uma coisa que de certa forma é sempre muito reprimido, né? Só que, ao mesmo tempo, parecia que rolava uma forçação de barra da galera. De falar: ai, vocês são lindos. Beleza, a gente sabe! A gente sabe que a gente é lindo, não precisa do seu biscoito, né? Parecia que, “Ah, vamo dar pra eles, porque né?”. Tão com pena. (Gabriel Diogo)
A gente tava fazendo pela gente, não era por eles. Para eles acharem, era pra gente. E aí eles tavam achando que a gente queria biscoito. Mas não. (Pedro Angelo)

Encaminhando o final da nossa conversa, ambos concluem que enfrentaram muitas barreiras. E que a reta final do curso, naquele momento, se aproximava. Além disso, Gabriel pontua que seus projetos finais eram “super relacionados”. A essa fala atribuo a relação com questões de opressão. Pois ambos tocam temas relacionados à negritude e/ou periferia.

Tamo aí se formando, na peleja. Com projetos super relacionados. O trabalho dele é sobre negritude, o meu é sobre empreendedorismo. (Gabriel Diogo)

5. Considerações finais

Assim como bell hooks, entendo que a educação não está apartada da vida. Portanto, mesmo que fora da sala de aula, sem falar em design, não há como entender o aprendizado sem considerar as experiências que o atravessam. Mais ainda, não há como omitir o impacto das experiências de racismo na existência de pessoas negras.

A ESDI e a UERJ foram embrionárias na experiência da política de cotas, todavia o acesso à Universidade não é suficiente para que a experiência de alunos em situação de opressão se torne menos desigual – as visões apresentadas pelos alunos acerca de suas trajetórias nos mostra que há ainda um longo caminho para tornar a graduação em design um ambiente mais horizontal. O que se sobressai é a urgência de que mais espaços de troca

sejam possibilitados entre estudantes cotistas, não cotistas, corpo discente como um todo, e corpo docente.

As violências e o racismo cotidiano a que os alunos estão submetidos não estão previstos na política de cotas e ela sozinha não dá conta de acolher essas demandas. Esta pesquisa tem como fim contribuir para o debate. Para isto, acredita-se que a formação em design deve vir acompanhada de uma formação política que problematize questões de racismo, origem territorial, classe e gênero. Só assim seremos capazes de contribuir para a diminuição das desigualdades e a superação das opressões.

Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GONZALEZ, Lélia. 2020. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaio**, Intervenções e Diálogos. Rio Janeiro: Zahar.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: A educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

_____. **Pertencimento**: uma cultura do lugar. São Paulo: Elefante, 2022

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação** – Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos metodologia científica**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LEITE, João de Souza. **De costas para o Brasil**: o ensino de design internacionalista In: MELO, Chico Homem de (Org.). O Design gráfico brasileiro: anos 60. São Paulo: Cosac Naify, 2008. p.252-283.

MINAYO, M. C. S. Introdução. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. (Org.). **Avaliação por triangulação de métodos**: Abordagem de Programas Sociais. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010. pp. 19-51.

PORTELA, I., MENEZES, Y., FRANÇA, D., & CARVALHO, R. A. P. (2022). **Sou uma outsider within:** uma formação em design para além do currículo. *Projetica*, 13(3), 153–165. <https://doi.org/10.5433/2236-2207.2022v13n3p153>

SACRAMENTO, Mônica. **Ação afirmativa:** o impacto da política de cotas na ESDI (Escola Superior de Desenho Industrial – UERJ), 2005.

Como referenciar

PORTELA, Imaíra; CARVALHO, Ricardo Artur. Narrativas confessionais sobre a graduação em design: o relato de dois alunos cotistas na ESDI/UERJ. **Arcos Design**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, pp. 564-582, jul./2024. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign>.

DOI: <https://www.doi.org/10.12957/arcosdesign.2024.84379>



A revista **Arcos Design** está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual 4.0 Não Adaptada.

Recebido em 15/05/2024 | Aceito em 20/06/2024